



Artigo original

Grau de conhecimento e consumo de psicofármacos dos alunos da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra

Hugo Câmara*, Clara Rocha e Jorge Balteiro

Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra, Instituto Politécnico de Coimbra, Coimbra, Portugal

INFORMAÇÃO SOBRE O ARTIGO

Historial do artigo:

Recebido em 23 de Dezembro de 2010

Aceite em 11 de Julho de 2011

Palavras-chave:

Psicofármacos

Conhecimento

Consumo

Estudantes

R E S U M O

Introdução: O objectivo deste estudo foi analisar o grau de conhecimento e o consumo de psicofármacos dos alunos da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra (ESTESC). **Material e métodos:** O estudo teve a duração de nove meses e abrangeu 417 estudantes da ESTESC. O método de recolha de dados, realizado entre Fevereiro e Março de 2009, consistiu num questionário auto-administrado.

Resultados: Verificou-se que 374 (89,7%) alunos possuíam conhecimento sobre psicofármacos, dos quais, 245 (65,5%) apresentaram um conhecimento suficiente e 129 um conhecimento bom. Constatou-se que o nível de conhecimento bom teve uma maior percentagem nos indivíduos pertencentes ao curso de Farmácia (68,3%) e nos que apresentavam uma autoavaliação do conhecimento elevada (54,9%). Na verdade, 53 estudantes (12,7%) tinham consumido psicofármacos há menos de 6 meses.

Discussão: A prevalência de consumo foi mais elevada no género feminino (14,2%), no curso de Farmácia (25,0%) e nos indivíduos que apresentaram um nível de conhecimento bom (22,5%). A classe de medicamentos psicotrópicos mais consumida foi a dos ansiolíticos, com 23 fármacos registados (47,9%). A prevalência de consumo pode ser considerada elevada, tendo em conta a idade dos indivíduos incluídos neste estudo e o seu estado de saúde.

© 2010 Publicado por Elsevier España, S. L. em nome da Escola Nacional de Saúde Pública.

Todos os direitos reservados.

Psychotropic drugs: degree of knowledge and use among students of the College of Health Technology of Coimbra

A B S T R A C T

Keywords:

Psychotropic drugs

Knowledge

Introduction: The purpose of this study was to analyse the degree of knowledge and use of psychotropic drugs among students of the College of Health Technology of Coimbra (ESTESC). The study lasted nine months and involved 417 ESTESC students.

*Autor para correspondência.

Correio electrónico: hugoscâmara@gmail.com (H. Câmara).

Drug utilization
Students

Material and methods: The data collection, conducted between February and March 2009, consisted of a self-administered questionnaire.

Results: It was found that 374 (89.7%) of the students had a positive knowledge about psychotropic drugs, of which 245 (65.5%) had sufficient knowledge and 129 (34.5%) a good knowledge. It was found that the good level of knowledge had the largest portion of individuals belonging to the Pharmacy course (68.3%) and those who had a high self-rating of knowledge (54.9%). In fact, 53 students (12.7%) had taken psychotropic drugs in the previous 6 months.

Discussion: The overall prevalence was higher in females (14.2%) in the course of pharmacy (25.0%) and those presenting a good level of knowledge (22.5%). The class of psychotropic drugs most commonly used was anxiolytics, with 23 registered drugs (47.9%). The prevalence of psychotropic drugs utilization can be considered high, taking into account the age of the individuals included in this study and their state of health.

© 2010 Published by Elsevier España, S. L. on behalf of Escola Nacional de Saúde Pública.

All rights reserved.

Introdução

O aparecimento dos psicofármacos transformou totalmente a prática da psiquiatria e da psicoterapia, diminuindo o sofrimento psicológico e limitando a intensidade ou a duração das perturbações mentais. A introdução destes medicamentos veio incentivar a investigação no campo da etiopatogenia dos processos e das doenças mentais, despertando novo interesse por problemas que pareciam reservados ao campo da especulação e do método psicanalítico, sem possibilidade alguma de estudo científico exacto. Muitos progressos têm sido verificados nesta área da investigação, embora se tenha de reconhecer que há ainda largo desconhecimento dos mecanismos que presidem aos processos mentais^{1,2}.

Os psicofármacos são medicamentos com predomínio de acções sobre o psiquismo, o raciocínio, as emoções, as atitudes mentais e o comportamento dos doentes, daí resultando as suas potencialidades terapêuticas¹.

A grande acessibilidade destes medicamentos, aliada a uma maior procura por parte dos jovens, em situações de stress, ansiedade, problemas emocionais, entre outros, pode fazer com que subsista uma não racionalidade no seu consumo, e daí, um grave problema de saúde pública. Tal facto pode ser explicado pela banalização da prescrição médica destes medicamentos, associado ao não cumprimento escrupuloso da sua cedência só mediante receita médica, como estipulado pela lei (Decreto-Lei 15/93). As consequências da sua utilização incorrecta para o organismo prendem-se com a sua estreita janela terapêutica e alta capacidade de habituação, o que pode produzir alterações cognitivas, motoras e dependência dos consumidores.

Segundo a Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde, Instituto Público (INFARMED, I.P.), no ano de 2007 os portugueses consumiram de um modo excessivo este grupo de fármacos. Através do relatório de estatística do medicamento, constata-se que foram consumidos 18.329.481 embalagens de psicofármacos. Em média foram consumidas duas embalagens por cada habitante (sendo estes medicamentos

mais utilizados para o tratamento da ansiedade, depressão e insónias), tornando assim Portugal o segundo país da Europa onde mais se consome medicamentos do foro psiquiátrico e o primeiro da Europa com maior consumo de Benzodiazepinas. Outro estudo, por sua vez realizado pelo Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, constatou que 60% dos casos clínicos analisados, que tinham por base uma terapêutica de curta duração, apresentavam dependência³⁻⁵.

O presente estudo, pretendeu avaliar o conhecimento ou formação dos alunos de cursos superiores na área de saúde, sobre psicofármacos e o reflexo disso no seu consumo. Para tal, avaliou-se a influência de certos factores como género, idade, tipo e ano do curso, no nível de conhecimentos do aluno sobre esta matéria, bem como a sua influência no consumo destes medicamentos.

Material e métodos

Para a realização deste trabalho de investigação, começou por se fazer uma pesquisa bibliográfica acerca da temática, o que permitiu a construção de um questionário que viria, posteriormente, a ser aplicado de forma directa aos alunos da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra (ESTESC), do ano lectivo 2008/2009 (mais precisamente, de Outubro de 2008 a Junho de 2009). Na base da construção do questionário, esteve a elaboração de perguntas específicas, capazes de traduzir os objectivos do estudo⁶. Assim, foram usadas apenas perguntas do tipo fechado, uma vez que o tamanho da amostra para esta população era elevado. O questionário foi estruturado em três grupos que a seguir se descrevem:

- Grupo I: Perguntas do foro individual e pessoal para caracterização demográfica da amostra;
- Grupo II: Conjunto de perguntas que tinham como objectivo avaliar o conhecimento acerca dos psicofármacos, no que diz respeito aos meios para a sua aquisição, e se tratava de um conhecimento presumido e/ou efectivo;

- Grupo III: Conjunto de perguntas para aferir quando, como e por quanto tempo os indivíduos recorreram a esta terapêutica medicamentosa durante os últimos seis meses.

Para mensurar a variável conhecimento efectivo foi utilizada uma escala ordinal cumulativa. A cada uma das 16 perguntas foram atribuídas pontuações de 0 e 1 (0 corresponde a resposta errada e 1 a resposta certa). Os inquiridos foram posteriormente posicionados em classes, de acordo com o somatório obtido às 16 questões, oscilando entre 0 pontos (corresponde à ausência de conhecimentos) e 16 pontos (corresponde a ter respondido correctamente a todas as questões). Considerou-se neste estudo, três classes possíveis:

- Insuficiente (0 a 7 pontos) - foram posicionados os estudantes com conhecimentos insuficientes sobre psicofármacos, ou seja, aqueles que acertaram em menos de metade das 16 questões colocadas;
- Suficiente (8 a 12 pontos) - todos aqueles que acertaram entre 50% e 75% das 16 questões;
- Bom (13 a 16 pontos) - inclui todos os estudantes com pelo menos 80% de respostas certas.

Após autorização da Direcção da ESTESC, realizou-se um pré-teste com a finalidade de avaliar a compreensão e a clareza do questionário e corrigir eventuais inconsistências, após o que se procedeu à recolha da amostra. A participação foi voluntária, após ser obtido consentimento informado e garantida a confidencialidade dos resultados.

Tabela 1 – Características demográficas da população		
Variáveis	Frequência	Percentagem (%)
Género		
Feminino	344	82,5
Masculino	73	17,5
Áreas de Residência		
Norte	53	12,8
Centro	339	82,1
Sul	9	2,2
Ilhas	12	2,9
Não responderam	4	
Curso frequentado		
ACSP	59	14,1
AUD	59	14,1
CPL	60	14,4
FAM	60	14,4
FISIO	59	14,1
RAD	60	14,4
SA	60	14,4
Ano de curso		
1º Ano	105	25,2
2º Ano	104	24,9
3º Ano	103	24,7
4º Ano	105	25,2

ACSP – Análises Clínicas e Saúde Pública, AUD – Audiologia, CPL – Cardiopneumologia, FAM – Farmácia, FISIO – Fisioterapia, RAD – Radiologia, SA – Saúde Ambiental.

O tipo de amostra foi probabilístico, pois cada elemento da população teve a mesma probabilidade de ser escolhido para fazer parte da amostra. Quanto à técnica de amostragem foi aleatória estratificada, pelo facto de em cada ano/curso se seleccionarem aleatoriamente os indivíduos da amostra e não o total existente em cada ano/curso, para responder ao inquérito.

Foram alvo deste estudo 417 alunos, dos 880 inscritos nos 7 cursos ministrados pela ESTESC, no ano lectivo de 2008/2009, distribuídos conforme a tabela 1.

Este estudo foi qualificado como de nível II, do tipo descritivo-correlacional, uma vez que explorou e determinou a existência de relações entre variáveis, com vista a descrever essas relações e de conhecer as que estão associadas ao fenómeno em estudo.

Após a recolha dos dados, estes foram analisados e tratados através do Statistical Software Packages (SPSS v.16).

Sendo um estudo de estatística descritiva e inferencial utilizou-se distribuições de frequência e tabulações cruzadas, usando o teste Qui-Quadrado. Estabeleceu-se que existia significância estatística quando o $p < 0,05$ e o intervalo de confiança era de 95%.

Resultados

Caracterização da amostra

Foram alvo deste estudo 417 alunos, dos 880 inscritos nos 7 cursos ministrados pela ESTESC, no ano lectivo de 2008/2009, sendo o género feminino predominante, com 344 indivíduos (82,5%). Quanto à idade, registaram-se valores entre os 18 anos e os 29 anos e uma média de $20,15 \pm 1,715$ anos (média \pm desvio padrão). Em relação às zonas de residência, constatou-se que a zona centro é predominante, com 339 indivíduos (82,1%). Os cursos de Cardiopneumologia (CPL), Farmácia (FAM), Radiologia (RAD) e Saúde Ambiental (SA), participaram, cada um deles, com 60 indivíduos (14,4%) e os de Análises Clínicas e Saúde Pública (ACSP), de Audiologia (AUD) e Fisioterapia (FISIO), com, cada um deles, 59 indivíduos (14,1%). Relativamente aos anos de curso, observou-se que o 1º e 4º ano continham, cada um deles, 105 indivíduos (25,2%), que o 2º ano registou um total de 104 indivíduos (24,9%) e que o 3º ano apresentou um total de 103 indivíduos (24,7%) (tabela 1).

Nível de conhecimento de psicofármacos

Relativamente ao nível de conhecimento de psicofármacos da população em estudo, verificou-se, pela análise da figura 1, que dos 417 estudantes, apenas 43 (10,30%) possuíam conhecimentos insuficientes sobre psicofármacos. Dos 374 indivíduos (89,70%) que possuíam conhecimentos, 245 (65,5%) apresentaram um conhecimento suficiente, e 129 (34,5%) apresentaram um conhecimento bom.

Pela análise da tabela 2, pode-se observar a existência de uma associação estatisticamente significativa entre o nível de conhecimento efectivo e o curso frequentado ($p = 0,000$), bem como, com a percepção do nível de conhecimento

($p = 0,000$). Relativamente à influência do curso frequentado, verificou-se que o curso de SA foi o que teve maior nível de conhecimento insuficiente (15,0%), ao mesmo tempo, que o curso de FAM foi o que teve maior nível de conhecimento Bom (68,3%), face aos outros cursos. Constatou-se ainda, que os indivíduos que consideravam apresentar um conhecimento reduzido sobre este tema, apresentaram, de facto, um predomínio do nível de conhecimento suficiente (66,8%) e que, os que consideravam ter um conhecimento elevado, obtiveram

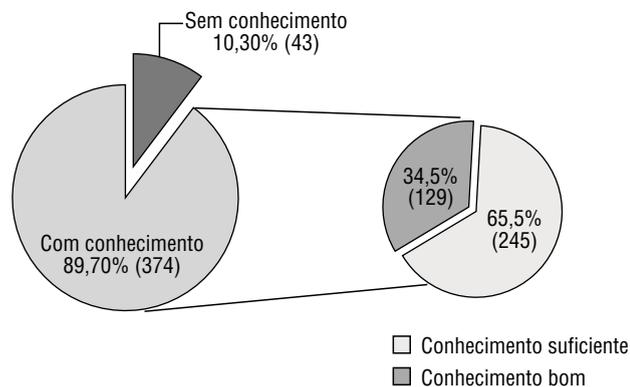


Figura 1 - Nível de conhecimento entre os estudantes.

Tabela 2 - Distribuição do nível de conhecimento

Variáveis	Nível de conhecimento		
	Insuficiente	Suficiente	Bom
Curso frequentado			
ACSP	11,9% (7/59)	76,2% (45/59)	11,9% (7/59)
AUD	10,2% (6/59)	54,2% (32/59)	35,6% (21/59)
CPL	8,3% (5/60)	63,4% (38/60)	28,3% (17/60)
FAM	6,7% (4/60)	25,0% (15/60)	68,3% (41/60)
FISIO	6,8% (4/59)	62,7% (37/59)	30,5% (18/59)
RAD	13,3% (8/60)	65,0% (39/60)	21,7% (13/60)
SA	15,0% (9/60)	65,0% (39/60)	20,0% (12/60)
$\chi^2 = 58,351; p = 0,000^*$			
Autoavaliação do nível de conhecimento			
Elevado	2,0% (1/51)	43,1% (22/51)	54,9% (28/51)
Moderado	7,5% (15/202)	56,9% (115/202)	35,6% (72/202)
Reduzido	16,5% (27/164)	66,8% (108/164)	17,7% (29/164)
$\chi^2 = 34,965; p = 0,000^*$			
*Estatisticamente significativo.			

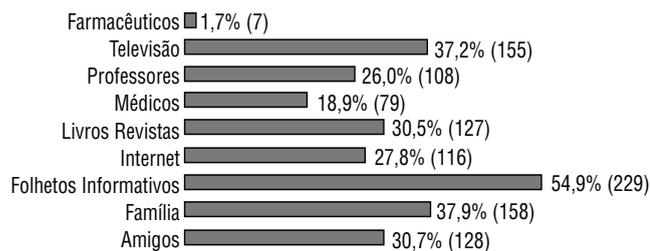


Figura 2 - Meios de obtenção do conhecimento sobre psicofármacos.

maior percentagem de nível de conhecimento bom (54,9%). Por outro lado, na amostra em estudo, o nível de conhecimento efectivo não se revelou significativamente associado às variáveis género, idade e ano do curso.

Relativamente aos meios de obtenção do conhecimento de psicofármacos, analisando a figura 2, observa-se que o meio mais frequente para obter informação foi os folhetos informativos, tendo 229 (54,9%) indivíduos referido obter informação através deste meio, sendo o recurso aos Farmacêuticos o meio menos usado (1,7%).

Prevalência de consumo de psicofármacos nos últimos 6 meses

Quanto à prevalência de consumo de psicofármacos, observa-se, pela figura 3, que dos 417 estudantes inquiridos no estudo, 53 (12,7%) mencionaram recorrer ao consumo destes medicamentos nos últimos 6 meses.

Pela análise da tabela 3, relativamente à distribuição do consumo de psicofármacos nos últimos 6 meses, verificou-se que a idade e o ano de curso não influenciavam significativamente a prevalência de consumo. Por outro lado, a prevalência de consumo foi significativamente influenciada pelo género ($p = 0,041$), pelo curso frequentado ($p = 0,016$) e pelo nível de conhecimento ($p = 0,000$). Verificou-se que os que mais recorreram à terapêutica medicamentosa, foram as estudantes (14,2%), os indivíduos do curso de FAM (25,0%) e os indivíduos com o melhor nível de conhecimento (22,5%).

Dos 53 alunos que consumiram psicofármacos, 48 foram capazes de identificar o fármaco consumido. Destes, 47,9% consumiram ansiolíticos, com predomínio do alprazolam, seguido de sedantes e hipnóticos (29,2%), com o predomínio da valeriana, sendo este o fármaco mais consumido pela amostra em estudo (tabela 4).

Quanto ao tipo de consumo de psicofármacos, pela figura 4 verifica-se que o consumo destes medicamentos foi realizado, na maioria das vezes, com base apenas na prescrição médica, tendo 38 indivíduos (71,7%) referido consumir estes medicamentos só após receita médica.

Quanto à duração do consumo de psicofármacos, verifica-se, pela figura 5, que 22 indivíduos (41,5%) referiram consumir estes medicamentos há mais de 6 meses.

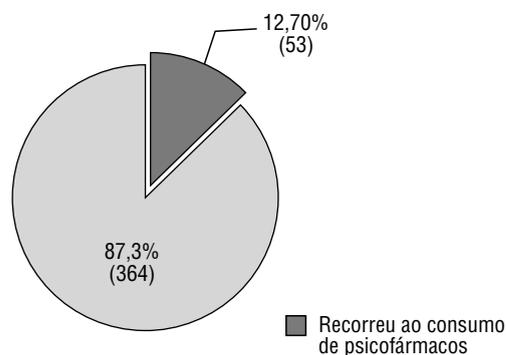


Figura 3 - Prevalência do consumo de psicofármacos nos últimos 6 meses.

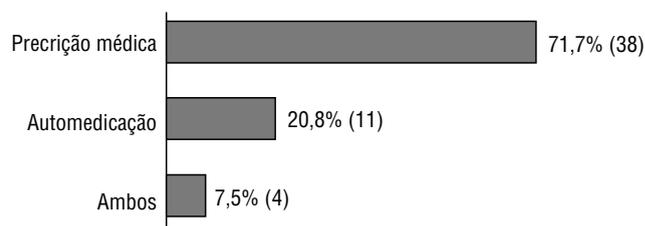
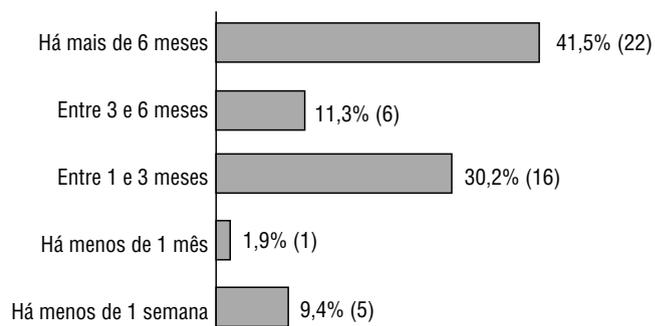
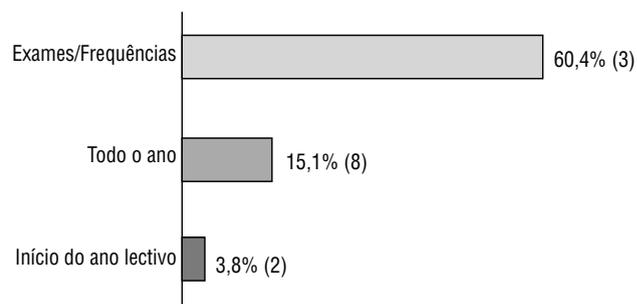
Tabela 3 – Distribuição do consumo de psicofármacos nos últimos 6 meses (n=53)

Variáveis	Consumo
Género	
Feminino	14,2% (49/344)
Masculino	5,5% (4/73)
$\chi^2 = 4,170$; $p = 0,041^*$	
Idade (anos)	
[18-20]	12,4% (31/247)
[21-23]	12,5% (19/150)
> 23	23,1% (3/13)
$\chi^2 = 1,270$; $p = 0,530$	
Curso frequentado	
ACSP	16,9% (10/59)
AUD	8,5% (5/59)
CPL	5,0% (3/60)
FAM	25,0% (15/60)
FISIO	11,9% (7/59)
RAD	6,7% (4/60)
SA	15,0% (9/60)
$\chi^2 = 15,590$; $p = 0,016^*$	
Ano de curso	
1º Ano	10,5% (11/105)
2º Ano	14,4% (15/104)
3º Ano	12,6% (13/103)
4º Ano	13,3% (14/104)
$\chi^2 = 0,785$; $p = 0,853$	
Nível de conhecimento	
Insuficiente	4,7% (2/43)
Suficiente	9,0% (22/245)
Bom	22,5% (29/95)
$\chi^2 = 16,690$; $p = 0,000^*$	

*Estatisticamente significativo.

Tabela 4 – Distribuição dos medicamentos consumidos

Grupo de Psicofármacos	Número de medicamentos (% do total do grupo; n = 48)
Ansiolíticos	23 (47,9%)
Alprazolam	11
Clobazam	1
Clozazolam	1
Diazepam	6
Loflazepato de etilo	2
Lorazepam	1
Mexazolam	1
Sedativos e Hipnóticos	14 (29,2%)
Brotizolam	1
Valeriana	13
Antidepressivos	7 (14,6%)
Amitriptilina	1
Paroxetina	1
Sertralina	2
Venlafaxina	2
Oxriptano	1
Antipsicóticos	4 (8,3%)
Amisulprida	2
Aripiprazol	1
Risperidona	1

**Figura 4 – Tipo de consumo de medicamentos psicofármacos.****Figura 5 – Tempo de duração do consumo de psicofármacos.****Figura 6 – Altura de maior consumo de psicofármacos.**

Quanto à altura de maior consumo de psicofármacos, analisando a figura 6 observa-se que este foi mais frequente na altura de Exames/Frequências. Dos 53 indivíduos que recorreram à terapêutica com base em psicofármacos, 32 (60,4%) confirmaram consumi-los nesta altura.

Discussão

Neste estudo, verificou-se que a larga maioria dos alunos inquiridos da ESTESC possuíam um nível de conhecimento sobre psicofármacos pelo menos suficiente. Verificou-se também, que os indivíduos pertencentes ao curso de Farmácia apresentaram maior nível de conhecimento sobre psicofármacos, face aos outros cursos. Tal facto, poderá ser explicado pelo maior acesso à informação destes alunos relativamente a estes medicamentos. De facto, o estudo dos psicofármacos está presente no plano curricular dos alunos de Farmácia, o que não acontece nos restantes cursos da ESTESC.

Quanto à relação entre o nível de conhecimento efectivo e a autoavaliação do conhecimento, verificou-se que os indivíduos mostraram ter consciência do que sabem acerca dos psicofármacos. Os indivíduos que apresentaram uma auto-avaliação de conhecimento elevado, maioritariamente, tiveram um nível de conhecimento efectivo bom. Em relação aos meios de informação utilizados na aquisição de conhecimentos acerca destes medicamentos, foram os folhetos informativos os mais usados, revelando uma grande autonomia e confiança na toma dos psicofármacos por parte dos inquiridos.

A prevalência de consumo de psicofármacos foi elevada (12,7%), considerando a idade dos indivíduos deste estudo. Comparando o presente estudo a outro congénere, realizado por Cabrita *et al.*⁷, este apresentou um nível de consumo ainda mais elevado face aos 7,9% de estudantes universitários de Lisboa que consumiram psicofármacos. Este estudo confirma, de alguma forma, a realidade do consumo de psicotrópicos em Portugal. Efectivamente, Portugal apresenta uma grande prevalência de consumo face a outros países europeus, sendo um dos países da Europa que mais consome psicofármacos^{4,5,7-10}. A prevalência de consumo de psicofármacos revelou-se dependente do género, do curso frequentado e do nível de conhecimento. Verificou-se um predomínio do consumo no género feminino, nos alunos do curso de FAM e nos indivíduos com nível de conhecimento bom.

Parece não haver discordância, na literatura, quanto à preponderância do consumo de psicofármacos pelas mulheres¹¹⁻¹⁷. Diversos autores referem que as mulheres são mais perceptivas em relação à sintomatologia das doenças, procurando precocemente ajuda, e são menos resistentes ao uso de medicamentos prescritos relativamente aos homens, o que poderá conduzir a uma maior probabilidade de consumo de medicamentos, entre os quais os psicofármacos^{14,13,18}. Por outro lado, entre as mulheres é maior a frequência de perturbações mentais e doenças músculo-esqueléticas para as quais é comum a prescrição de psicofármacos, sobretudo benzodiazepinas. Outro factor que poderá estar correlacionado com o género feminino é o maior comparecimento das mulheres às unidades de saúde, sobretudo em idade fértil¹⁹. O ciclo hormonal da mulher, considerando as elevações do nível de estrogénio no cérebro e consequente interacção desta hormona com os receptores da serotonina e outros, modulando-lhe e inibindo a acção dos agonistas destes, torna o género feminino muito mais vulnerável a perturbações de ansiedade e depressão, sendo outra justificação apresentada por alguns autores^{16,17}. A elevada prevalência de consumo de psicofármacos nos estudantes de Farmácia inquiridos no nosso estudo (25%) foi igualmente observada no estudo efectuado na Universidade de Lisboa (26,8%)⁷ e na Universidade de Granada (64,2%)²⁰, sugerindo-nos a realização de um estudo posterior para investigar os seus determinantes. Verificou-se que os psicofármacos mais consumidos foram os pertencentes à classe dos ansiolíticos (47,9%), com predomínio do alprazolam, e em seguida, sedativos e hipnóticos (29,2%), com predomínio da valeriana. Outros estudos realizados na Europa e Estados Unidos da América, com valores respectivamente de 3,2% e 4,3%, demonstraram que, as benzodiazepinas são a classe

de psicofármacos mais consumida por todas as populações incluídas em estudos⁷⁻¹⁰.

Em suma, o consumo excessivo de psicofármacos é um problema de saúde pública no nosso País. Torna-se assim necessário, identificar os casos e melhorar o acompanhamento destes doentes pelo médico assistente. Os resultados mostram que, apesar de possuírem algum conhecimento sobre estes medicamentos, a maioria dos inquiridos - adquiriu os apenas mediante prescrição médica. Por outro lado, observou-se que a grande percentagem dos alunos consumia estes medicamentos há mais de 6 meses. Tal indica que estes indivíduos podem estar a utilizar psicofármacos de uma forma crónica o que, devido às consequências deste tipo de terapêutica associado ao tipo de população em estudo, pode acarretar problemas de saúde pública, nomeadamente a habituação e a dependência a estes fármacos. Os estudos populacionais sobre consumo de psicofármacos nos estudantes do ensino superior são relativamente escassos no nosso país, dificultando a comparação dos resultados. No entanto, estes estudos podem permitir a implementação de medidas e programas de saúde direccionadas para os estudantes do ensino superior, para que estes adquiram hábitos saudáveis, melhorando a sua qualidade de vida.

B I B L I O G R A F I A

1. Ramos A. Psicofármacos novas estratégia. Lisboa: Lidel; 2004. ISBN 10: 972 757 323 1.
2. Osswald W. Psicofármacos e psicofarmacologia. Em: Guimarães S, Moura D, Silva P, editors. Terapêutica medicamentosa e suas bases farmacológicas. Porto: Porto Editora; 2006. ISBN: 972 0 06029 8. 66-68.
3. Furtado C, Teixeira I. Utilização de benzodiazepinas em Portugal Continental (1999-2003). Lisboa: Infarmed-Instituto Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde I.P.; 2006.
4. Infarmed-Instituto Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde I.P. Estatística do Medicamento 2007. Lisboa: Infarmed; 2007.
5. INSA-Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge. Os portugueses abusam de calmantes. [Internet]. Lisboa: Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge; 2008 [consultado 20 Set 2008]. Disponível em: <http://www.insa.pt/sites/INSA/Portugues/Colnf/Imprensa/Clipping/Paginas/1504200812201.aspx>.
6. Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas; 1999.
7. Cabrita J, Ferreira H, Iglésias P, Baptista T, Rocha E, Silva A, et al. Patterns and determinants of psychoactive drugs use in Lisbon University students. *Pharm World Sci.* 2004;26:79-82.
8. Ohayon M, Lader M. Use of psychotropic medication in the general population of France, Germany, Italy and United Kingdom. *J Clin Psychiatry.* 2002;63:817-25.
9. Paulose-Ram R, Jonas B, Orwig D, Safran M. Prescription medication use among the U.S. adult population: results from the third National Health and Nutrition Examination Survey 1988-1994. *J Clin Epidem.* 2004;14:379-98.
10. Goldney R, Bain M. Prevalence of psychotropic use in a South Australian population. *Australias Psychiatry.* 2006;14:379-83.
11. Tancredi FB. Aspectos epidemiológicos do consumo de medicamentos psicotrópicos pela população de adultos do distrito de São Paulo. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo; 1979. Tese de Mestrado.

12. Mari JJ, Almeida-Filho N, Coutinho ESF, Andreoli SB, Miranda CT, Streiner D. The epidemiology of psychotropic use in the city of São Paulo. *Psychol Med.* 1993;23:467-74.
13. Mellinger GD, Balter MB, Uhlenhuth EH. Prevalence and correlates of the long-term regular use of anxiolytics. *JAMA.* 1984;251:376-9.
14. Cafferata GL, Meyers SM. Pathways to psychotropic drugs: understanding the basis of gender differences. *Med Care.* 1990;28:285-300.
15. North DA, McAvoy BR, Powell AM. Benzodiazepine use in general practice: is it a problem? *N Z Med J.* 1992;105:287-9.
16. Seeman, MV. Psychopathology in women and men: focus on females hormones. *Am J Psychiatry.* 1997;154:1641-7.
17. McEwen B. Estrogen actions throughout the brain. Nova Iorque: The Rockefeller University; 2002.
18. Boltanski L. As classes sociais e o corpo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal; 1989.
19. Madureira PR, De Capitani EM, Campos GWS. Avaliação da qualidade da atenção à saúde na rede básica. *Cadernos de Saúde Pública.* 1989;5:45-9.
20. Lopez JAG, Gonzalez MIB. Utilización de medicamentos por estudiantes de farmacia de la Universidad de Granada. *Farm Clin.* 1997;14:90-7.